
SUBJETIVAÇÃO DO CORPO TRAVESTI SOB A PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES SOCIAIS HETERONORMATIVAS

*FILHO, Antoniel dos Santos Gomes; MELO, Miguel Ângelo Silva; PEREIRA, Janaina Batista

Faculdade Leão Sampaio – Juazeiro do Norte (CE), Brasil.

Recebido em: 08/12/2014; Aceito: 16/01/2015; Publicado: 26/02/2015

RESUMO

Introdução: Frente a um olhar social e histórico das relações sociais, percebe-se que estas estão numa égide heteronormativa, que busca padronizar o corpo sexuado diante dos contextos biológicos. **Objetivos:** Assim o presente estudo tem como objetivo discutir sobre como o corpo travesti causa repercussões nas relações sociais heteronormativas, levando em consideração que o corpo da travesti é marcado pela abjeção social, e marcações sociais de representação, identidade, subjetividade e linguagem consideradas subalternas e marginais. **Metodologia:** O estudo surge a partir de uma revisão de literatura em livros e artigos publicados entre os anos de 2005 a 2014, onde se percebeu que as travestis transitam entre os gêneros masculino e feminino, denunciando assim uma não fixidez corporal, realizando assim uma desconstrução do que é ser homem ou mulher na sociedade. **Resultados e discussões:** Porém o presente estudo busca um deslocamento dessa perspectiva, que por sua vez é excludente com os sujeitos que diante de sua subjetividade não se adequam aos padrões ditos e tidos como correto para o corpo, como é o caso das travestis. **Conclusões:** A compreensão de que a formação subjetiva do sujeito dar-se diante de fatores sociais e históricos é fundamental para compreender que o gênero não tem o intuito de negar os aspectos biológicos, mais sim ressaltar as vivências e experiências do sujeito diante de suas relações sociais com o mundo.

Palavras-chave: Travesti. Corpo. Subjetividade. Relações Sociais. Heteronormatividade.

Abstract

Introduction: Faced with a social and historical look of social relations, one can see that these are in a heteronormative aegis, which aims to standardize the sexed body in front of the biological contexts. **Objectives:** Therefore the present study aims to discuss how the transvestite body cause repercussions in the heteronormative social relations, taking into account that the transvestite's body is marked by social abjection, and social tags of representation, identity, subjectivity and language considered subordinate and marginal. **Methods:** The study arises from a literature review in books and articles published between the years 2005 to 2014, where it was noticed that the transvestites transit between males and females genres, thus exposing a non-fixity body, thus realizing a deconstruction of what is being a man or woman in society. **Result and discussions:** However this study seeks a shift of this perspective, which in turn is exclusive with the subjects that before his subjectivity do not conform to said standards and believed to be correct for the body, such as transvestites. **Conclusions:** The understanding that the subjective formation of the subject to give up on social and historical factors is critical to understand that gender is not meant to deny the biological aspects but rather to highlight the experiences and experiences of the subject before their social relations with the world.

Keywords: Transvestite. Body. Subjectivity. Social Relations. Heteronormativity.

* Antoniel dos Santos Gomes Filho - Professor da Faculdade Vale do Salgado/FVS. Pesquisador do Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência (LIEV) da Faculdade Leão Sampaio/FLS. E-mail: antonielsantos@fvs.edu.br

Introdução

Pensar que sob o corpo estar marcado os constructos inerentes das relações sociais, introduzindo no sujeito uma identidade, uma subjetividade, um gênero, uma linguagem deve constituir-se como um exercício de reflexão e questionamento de como esses aspectos são incorporados através do outro, de modo a instaurar uma fixidez, e não uma fluidez dos aspectos mencionados. O Outro, representado por uma sociedade que dita normas de conduta e padrões de comportamento ditos “normais” aos sujeitos, dentro de padrões heterossexuais fixos.

Mencionando o sociólogo Émile Durkheim, quando introduz a discussão dos fatores de coerção social, observa-se que os corpos são marcados antes mesmo de nascer. Assim para o menino é designado à cor azul, e a menina a cor rosa, sendo este, entre tantos outros, um dos primeiros símbolos e discursos sobre o que é ser menino ou menina, homem ou mulher, masculino ou feminino. E nesse sentido inicia-se a transcrição do sexo/gênero/desejo que deve ser incorporado nos sujeitos detentores de pênis e vagina, ou seja, do corpo sexuado. No que tange o gênero, Louro (2013) ressalta que o este não tem o intuito de negar os aspectos biológicos dos corpos, mas sim, mostrar que nesses corpos há uma construção social e histórica. Nessa perspectiva o fato de ser biologicamente do sexo masculino ou feminino, não implica em ser homem ou mulher, mesmo que a sociedade diante de “[...] um conjunto de procedimentos pedagógicos que vão educando, subliminarmente, meninos e meninas a incorporarem os gêneros masculinos e femininos.” (SANTOS, 2010, p. 4), assim:

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício fluante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher feminino, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2003, p. 25).

Correlacionado ao gênero deve-se levar em consideração a subjetivação dos corpos, que contemporaneamente permanece controlada pelos dispositivos de poder e saber (GUATTARI, 1989 apud SILVA, 2010), logo as relações sociais e culturais constitui-se como componente vivo do gênero e subjetividade.

Ser reconhecido como homem ou mulher é, antes de tudo é ser identificado socialmente como tal, e neste contexto, a própria sociedade passa a ditar as representações sociais do ser homem e ser mulher, assim está diante de uma representação social consiste em “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma

visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (JODELET, 1989, p. 36 apud OLIVEIRA; WERBA, 2010, p. 106). Logo, a visualização do corpo por um conjunto social heteronormativo está correlato ao binário de gênero; o corpo, então, será representado pelo masculino ou feminino, mesmo que o sujeito em sua subjetividade assim não se reconheça. A linguagem possui fundamental importância nesse processo de subjetivação, Weil e Tompakow (1986, p. 9) demonstram em seus estudos sobre o corpo e a linguagem que o “[...] comportamento humano não pode ser transmitido satisfatoriamente por meras palavras [...]” logo, o corpo comunica-se com o meio externo para além da linguagem oral e escrita, desse modo os aspectos simbólicos inseridos nos corpos irão comunicar e representar algo ou alguma coisa para o outro.

Colocar em discussão os corpos que não são tidos como normais, pois fogem ao binário de gênero masculino/feminino, e que já possuem representações, identidades, subjetividades, gênero e linguagens que não estão pré-definidas no contexto social heteronormativo, é falar dos anormais, dos subalternos como indaga Preciado (2014), ou ainda, é falar dos corpos abjetos, mencionados por Butler (2008 apud ORNAT, 2012), assim:

Segundo a autora, a matriz excludente a partir da qual se formam os sujeitos demandam uma produção simultânea tanto de seres abjetos quanto daqueles que são considerados socialmente como sujeitos, formando um campo exterior deste. Precisamente, a autora denomina ‘abjeto’ como as zonas invisíveis e inabitáveis da vida social [...] por pessoas que não usufruem os mesmos direitos, vivendo abaixo do sujeito (BUTLER, 2008 apud ORNAT, 2012, p. 65).

É na perspectiva de corpo anormal, subalterno e abjeto que o corpo da travesti é, e está inserido na sociedade. A travesti insere em seu corpo marcações que transitam entre o que é masculino, e o que é feminino. Como indaga Pelúcio (2005, p. 98) “‘Ser travesti’ é um processo que nunca se encerra. Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. Estão sempre buscando o que chamam de ‘perfeição’, o que significa ‘passar por mulher’.”. Parafraseando Couto (1999, p. 22) “O travestismo é o porte deliberado de roupas e acessórios culturalmente consagrados ao sexo oposto [...] como forma de permanecer publicamente ao outro gênero [onde o sujeito] assume características físicas e psicossociais atribuídas ao sexo oposto.”. Desse modo ao assumir tais características a travesti modifica seu corpo para conseguir aproximar-se da “perfeição” feminina. Assim:

As travestis são pessoas que se entendem como homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens. Para tanto, procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. Porém, não desejam extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos (PELÚCIO, 2006, p. 192).

Através dessa contradição entre ter marcações corporais femininas e masculinas, o corpo da travesti denuncia o trânsito de gênero, evidenciando a construção cultural e histórica dos corpos, para além da hegemonia da cultura heteronormativa do corpo sexuado. E no que tange o contexto de subjetividade é válido ressaltar as palavras de Sales (2012, p. 21) quando afirma que ser travesti “[...] é a construção de um gênero que se subjetiva primeiro consigo mesmo, com os outros e com as tensões que pode proporcionar, que se apropria de novas atitudes, comportamentos e expectativas [...]”, deslocando-se desse das performances pré-estabelecidas pela sociedade. Diante do contexto explanado o presente estudo tem como objetivo discutir sobre como o corpo travesti causa repercussões nas relações sociais heteronormativas, levando em consideração que o corpo travesti é marcado pela abjeção social, e marcações sociais de representação, identidade, subjetividade e linguagem consideradas subalternas e marginais.

Metodologia

Para desenvolvimento do presente estudo foram selecionados livros, artigos e um vídeo. Na temática gênero e sexualidade, utilizou-se os descritores: Travesti, Corpos Abjetos e Heteronormatividade, entre os anos de 2005 a 2014 no site de busca Google Acadêmico, enquanto que os temas representações/relações social, identidade, subjetividade, gênero e linguagem foram trabalhados a partir dos livros de psicologia social. Esse levantamento de dados é fundamental para o embasamento científico e crítico a cerca das discussões sobre o corpo travesti. Nessa perspectiva pesquisadores como Butler (2003), Pelúcio (2005; 2006), Oliveira (2010) entre outros citados no estudo, são base para o desenvolvimento de um pensamento crítico a cerca das nuances do corpo da travesti na sociedade.

Desse modo, o estudo utilizou-se de uma revisão de literatura, que de acordo com Fachin (2006, p. 120) “Tem como finalidade conduzir o leitor à pesquisa de determinado assunto, proporcionando o saber.”. Assim, buscou-se nessa revisão uma documentação temática que “[...] visa coletar elementos relevantes para o estudo em geral ou realização de um trabalho em particular, sempre dentro de determinada área.” (SEVERINO, 2007, p. 68), assim fazendo jus aos pesquisados mencionados no estudo frente a sua proposta temática.

Resultados e Discussão

As representações/relações sociais, a identidade, a subjetividade, o gênero e a linguagem sobre o corpo da travesti, observadas a partir da heteronormatividade insere esse corpo em espacialidades e territorialidades marginais. Isso significa dizer que se o corpo é marginal, o sujeito assim também é considerado como tal, não sendo capaz de se integrar a sociedade “normal”. Como Butler (2008 apud ORNAT, 2012) nos lembra, são sujeitos que vivem abaixo do sujeito, pois estes não conseguem inserir-se em uma matriz hegemônica, a heteronormatividade.

Na busca para atingir a “perfeição”, o corpo feminino perfeito, as travestis modificam seu corpo com aspectos do corpo simbólico feminino, porém não desejam retirar seu pênis (PELÚCIO, 2005; 2006). Diante desses aspectos, o corpo da travesti, causa grande conflito sobre o que é ser homem ou mulher, pois ao passo que nesse corpo as nuances masculinas e femininas transitam, o que foi inscrito socialmente para esses corpos é desconstruído.

Sendo marcado pela abjeção social, e marcações sociais de representação, identidade, subjetividade e linguagem consideradas subalternas e marginais, a travesti denuncia que a construção desses aspectos é correlacionada as relações sociais, que frente a heteronormatividade instrui os corpos a ser masculino-homem-ativo e feminino-mulher-passivo, sempre fixos nessa correlação. Assim quando um corpo não se enquadra nessa matriz não há lugar para este nas relações sociais, tendo este que ocupar os espaços e territórios subalternos, marginais e abjetos.

Conclusão

Os questionamentos sociais da heteronormatividade sobre o corpo da travesti, produz e reproduz representações/relações sociais que estigmatizam esses corpos como subalternos, através da criação de espacialidades e territorialidades marginais a partir de uma linguagem excludente, que nega direitos básicos a esses corpos, e legitimam a heteronormatividade aos corpos.

Assim, o corpo da travesti, estando alocado numa sociedade onde o dito “normal” está no campo da identidade, linguagem e gênero fixo no binário masculino/feminino, homem/ mulher, proporciona ao corpo travesti o não enquadramento performático social. Logo, esses corpos não são sujeitos “normais”, mas sim, sujeitos que possuem corpos abjetos e subalternos aos sujeitos “normais”, o que propicia, assim, a exclusão social aos mesmos, além de uma falta de potencialização desses seres humanos, enquanto sujeitos de direitos.

Referências

- Beatriz Preciado y Marianne Ponsford Hay Festival 2014. **Red de Bibliotecas**. Youtube, 17 de Maio de 2014. Video (67:18 mim). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4o13sesqsJo>>. Acesso em: 03 Jul. 2014.
- BELL, Judith. **Projeto de pesquisa**: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COUTO, Edvaldo Souza. **Transexualidade**: o corpo em mutação. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- FLINK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- OLIVEIRA, Fátima O. de.; WERBA, Graziela C. Representações Sociais. In: STREY, Marlene Neves. (Org.) **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- ORNAT, Marcio Jose. Espaços Interditos e a Constituição das Identidades Travestis através da Prostituição no Sul do Brasil. In: **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. v. 3, n.1, p. 54-73, jan./jul. Ponta Grossa, 2012.
- PELÚCIO, Larissa. "Toda Quebrada na Plástica": Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **CAMPOS-Revista de Antropologia Social**, v. 6, 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/viewArticle/4509>>. Acesso em: 17 Jun. 2014.
- _____. O GÊNERO NA CARNE: SEXUALIDADE, CORPORALIDADE E PESSOA – UMA ETNOGRAFIA ENTRE TRAVESTIS PAULISTAS. In: GROSSI, Miriam Pillar.; SCHWABE, Elisete. (Org.). **Política e cotidiano**: estudos antropológicos sobre o gênero, família e sexualidade. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- SALES, Adriana (Nome social). **Travestilidades e escolas nas narrativas de alunas travestis**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) UFMT, Rondonópolis, MT, 2012.
- SANTOS, Paulo Reis dos. Desejos, Conflitos e Preconceitos na Constituição de uma Travesti no Mundo da Prostituição. In: **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. v.1, n.1, p. 39-48, jan./jul. Ponta Grossa, 2010.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, NILZA. Subjetividade. In: STREY, Marlene Neves. (Org.) **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- WEIL, Pierre.; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis: Vozes, 1986.